

Malcata – Entrevista: Exposição Expressões Lorosae

Através de um amigo comum (Engº Escada da Costa) fomos conversar com o Eng.º Vitor Cordeiro, autor da exposição de fotografia que brevemente estará patente ao público na sede da Associação Malcata com Futuro.

Jornal Cinco Quinas (CQ) – O Engº Vitor Cordeiro exerceu grande parte da sua vida profissional no Oriente, mais propriamente em Macau e Timor. Quer falar-nos dessa sua experiência profissional e do modo como sentiu a portugalidade nessas paragens distantes?

Eng. Vitor Cordeiro (VC) – Desenvolvi a minha atividade profissional na Companhia de Eletricidade de Macau de 1983 a 2000 no âmbito de um acordo de cooperação com a EDP. Macau é um caldo de culturas, com uma forte componente chinesa e o grande desafio foi desenvolver as múltiplas atividades neste ambiente multicultural, no respeito mútuo, motivando e obtendo os melhores resultados através do exemplo. Foi uma experiência fantástica já que estive inserido numa equipa que transformou uma empresa altamente deficitária e intervencionada pelo Governo de Macau numa empresa lucrativa e sustentável, respondendo ao crescimento rápido da economia local. A portugalidade era vivida intensamente. Por estarmos longe da Pátria damos uma especial importância aos mais elementares sinais que nos ligam a Portugal, desde a gastronomia à cultura, passando pela Língua, pela História, e pela Educação, embora se falasse pouco português. Vivíamos as comemorações do Dia de Portugal com muita emoção.

A estada em Timor-Leste nos finais de 1999, na sequência do referendo e depois em deslocações frequentes até à independência em 2002, foi para mim como que a “*cereja em cima do bolo*” da minha longa permanência nesta região do globo. Confirmei localmente que aquele povo está muito ligado a Portugal, mesmo por parte dos que já não falavam a nossa língua. Este foi um sentimento comum em lugares na Ásia onde estive e por onde os nossos navegadores passaram e deixaram boas recordações: Goa, Malaca, Tailândia, Japão, onde ainda hoje somos muito bem vindos.

CQ – Nessa linha da portugalidade universal como encara a iniciativa de numa aldeia do interior de Portugal ter nascido uma Associação a ASTiL, que pretende promover ações de solidariedade com uma aldeia do interior de Timor- Leste?

VC – Quando estive em Timor-Leste sentia a enorme responsabilidade de ser um agente avançado da corrente de solidariedade dos portugueses e o nosso esforço para deixar um legado era compensado pelo reconhecimento daquele povo. Estive inserido na Missão Portuguesa e era em espírito de missão que me encontrava, continuando ainda hoje em missão de divulgação daquele povo através desta exposição de fotografia e agora em parceria com a ASTiL para ajudar a promover a solidariedade com Timor-Leste. Tal como a minha experiência pessoal, estou certo que também os fundadores desta Associação que passaram por Timor-Leste, viveram aquela realidade, compreenderam as necessidades, estabeleceram laços e por isso mesmo montaram esta fantástica corrente de solidariedade.

CQ – Em sua opinião faz sentido que numa comunidade que vive os graves problemas da interioridade de Portugal (definhamento económico, envelhecimento, abandono) se sinta motivada para desenvolver ações de solidariedade com comunidades distantes, nos antípodas, que vivem problemas de

pobreza, de carência de infraestruturas educacionais e com muita população jovem?

VC – Para mim faz todo o sentido, pois não querendo comparar as condições num e noutra local, são as nossas próprias circunstâncias e as experiências vividas que nos levam a compreender melhor os problemas da interioridade de Timor-Leste, que são ainda mais acentuados pelos difíceis acessos. Assim, encontramos-nos mais motivados para ajudar a desenvolver aquele povo, criando condições para levar a Educação aquela zona que se encontra fora da influência dos principais centros urbanos.

CQ – O que representa para si a Fotografia?

VC – Para mim a Fotografia é uma forma de expressão, é comunicação, é um meio para transmitir mensagens. Quando registo uma imagem nem sempre consigo o resultado esperado, mas quando sinto que ela contém mensagem então procuro partilhar. Os conhecimentos técnicos e os aparelhos fotográficos, mais ou menos sofisticados podem ajudar a obter imagens “perfeitas”, mas podem ser vazias de conteúdo. Por isso e sobretudo na vertente do retrato, que é o que mais me seduz, procuro interagir com as pessoas de determinadas formas, em linha com a mensagem que pretendo registar e, inevitavelmente, com um cunho muito pessoal... Quem visualiza também vai interpretar segundo a sua perspetiva e tendo em conta as suas experiências pessoais, originando interpretações diferentes consoante o observador...

Desde muito cedo que demonstrei interesse pela fotografia e fui aprendendo, visualizando e interpretando imagens. Tive alguns mestres, quer através de contacto pessoal, quer através da interpretação das suas obras, desenvolvendo técnicas e abordagens estéticas.

CQ – Traz a Malcata uma exposição de fotografia que tem sido muito apreciada em grandes centros urbanos. Porque razão aceitou expor numa pequena aldeia raiana de pouco mais de trezentos habitantes?

VC – Esta exposição tem registos de 1999 e 2000, num período histórico para Timor-Leste e tem vindo a percorrer o país desde 2010. Independentemente da sua valia e da interpretação que os visitantes possam fazer na vertente artística, considero que tem vindo a contribuir para a divulgação daquele jovem país e do seu povo, transmitindo mensagens.

Tenho um enorme prazer em expor em Malcata, tendo aceite de imediato o convite do Presidente da Direção da Associação Malcata com Futuro, o meu colega Eng^o Escada da Costa, que tem esta feliz parceria com a ASTiL. Sendo originário de uma aldeia, embora não tão interior, considero que o acesso à cultura deve ser generalizado e por isso tenho igual interesse em expor num grande centro urbano ou numa pequena povoação no interior, até porque compreendo as necessidades das pessoas e o benefício que podem obter ao terem acesso a variadas formas de expressão artística.

CQ – Considera assim que a cultura deve ser uma aposta no combate à desertificação?

VC – É claramente uma das vertentes, o acesso à cultura transforma as comunidades ao proporcionar diferentes perspetivas, pois incrementa nas pessoas a capacidade de abstração, promovendo a inovação e esta trás desenvolvimento. O desenvolvimento

aumenta a capacidade de retenção e atrai mais pessoas. Considero a cultura como um investimento, desde que se façam as escolhas certas em função das condições locais e das circunstâncias, numa perspectiva de sustentabilidade.